

Resenha de livro

Resenha de livro:

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Boaventura & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 168 p. (Coleção Pensadores & Educação).

UM OLHAR DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS SOBRE A EDUCAÇÃO

Neste início de milênio, estamos experimentando o paradoxo de, ao mesmo tempo em que nos utilizamos de um grande avanço tecnológico, ressentimo-nos de caminhar aleatoriamente em uma direção incerta, sem um norte ético. Postamo-nos frente a uma sociedade cada vez mais globalizada, onde, contraditoriamente, a maioria da população vive submetida à política neoliberal geradora de graves e imensos processos de exclusão: são muito mais atendidos os interesses do mercado do que os seres humanos; obtivemos o desenvolvimento da ciência e, em contrapartida, a desumanização do ser.

As reflexões atuais no campo da Educação tendem a buscar um diálogo que possa trazer visibilidade para novas práticas educacionais: as que intentem o fortalecimento de um ser humano cada vez mais pretendente ao direito de ser e de se expressar por meio de seus potenciais e diferenças e que possam contemplar, na ação educativa, o respeito e a valorização dessas diferenças. A partir desse cenário multifacetado da contemporaneidade, torna-se cada vez mais evidente o papel da educação, no que se refere a sua responsabilidade integradora, através de um processo instituinte de ações emancipatórias num contexto multicultural.

No contexto do *corpus* teórico que norteia todos os trabalhos de Boaventura de Sousa Santos (e apresentando-nos de modo claro e conciso esse pensamento), sempre do ponto de vista de sua apropriação pela educação, é que a autora situa sua obra. Analisa o pensamento do sociólogo português em alguns de seus aspectos, visando não só entender o que acontece na educação brasileira, mas, também, oferecer a possibilidade de podermos extrair novas maneiras de refletir sobre as práticas e teorias educacionais. Da mesma forma, facilita o entendimento de algumas bases teóricas capazes de orientar um projeto emancipatório de educação e de sociedade, que contemple o multiculturalismo nessa empreitada democrática.

Inês Barbosa de Oliveira atualmente é professora junto à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e membro do corpo editorial do *Penser l'Éducation*, uma revista inter-universitária e internacional, publicada desde 1996, onde cada artigo é verificado por uma comissão composta por três professores universitários de diferentes países. Tendo

efetuado seu pós-doutorado na Universidade de Lisboa sob a orientação de Boaventura de Sousa Santos, produziu o livro *Currículos praticados: entre a regulamentação e a emancipação*, publicado em 2003, onde já utiliza aspectos do pensamento de seu professor.

A crise paradigmática da modernidade e a ciência pós-moderna, juntamente com a crítica à racionalidade vigente, será o assunto tratado na primeira parte do capítulo inicial, onde a autora abordará os vários aspectos dessa crise, destacando o paradigma emergente e suas características constitutivas. Serão mencionados, também, os aspectos relacionados ao conflito conhecimento-regulação (= a ordem é o conhecimento) e conhecimento-emancipação (= busca da solidariedade) na contemporaneidade, e a ligação de toda essa dinâmica com a educação, bem como a discussão relativa à construção de uma nova epistemologia que venha trazer à sociedade a ultrapassagem do cientificismo. Ela trabalha, ainda, as postulações de Boaventura Santos a respeito das diferentes formas de se conhecer banidas da modernidade (uma vez que o saber científico é o único válido epistemologicamente), deixando de lado um modelo de ciência determinista e mecanicista, modelo este estendido ao universo social.

Ela discute três idéias extremamente importantes para a reflexão sobre os modos de pesquisar da escola e de produzir saberes e práticas: 1) a idéia de que a totalidade é muito mais do que a soma de suas partes – a fragmentação da realidade impede seu entendimento, bem como o da complexidade da realidade escolar; 2) a idéia de substituição de uma lei universalmente válida pela idéia de probabilidade – esse modelo aberto proporcionará muito mais possibilidades de práticas a serem testadas do que o modelo fechado de lei pode conceber; 3) a idéia de que é impossível separar/dividir sujeito e objeto - voluntariamente ou não, o pesquisador coloca-se dentro do que pesquisa.

Ainda dentro do espaço da primeira parte do capítulo inicial, a professora nos apresenta a questão da configuração do paradigma emergente que, como o próprio Boaventura afirma, só pode ser obtida por via especulativa. Sempre embasada pelas postulações do autor, discrimina as quatro teses por ele formuladas no intuito de descrever as características desse paradigma dito *emergente*, as quais Oliveira acredita constituírem-se em “importantes reflexões para o pensamento sobre a educação, suas possibilidades, seus limites e seus objetivos” (p. 29). Resumidamente, seriam elas:

- a necessidade de o novo paradigma ser, além de científico, também social, fundado na superação da dicotomia natureza-cultura; mente e matéria; individual e coletivo: a recuperação do papel do sujeito na produção do conhecimento;

- a urgência em ultrapassar esse estágio de fragmentação do saber: o novo conhecimento não é mais realizado por disciplinas, e, sim, por temas, que progridem interagindo uns em relação aos outros, em busca de variadas interfaces;

- todo conhecimento é criação e não descoberta. Todo conhecimento é auto-conhecimento, ou seja, os pressupostos não científicos como os sistemas de crenças e valores, por exemplo, não estão separados da explicação científica: são parte integrante dela. Aqui o conhecimento nos une ao que estudamos e a criação científica aproxima-se da criação artística.

- a necessidade da inter-relação entre todas as formas de conhecimento, apontando, inclusive, o senso comum como primeiramente importante nesse processo, uma vez que ele é o conhecimento prático com que orientamos nossas ações no cotidiano. Boaventura vê que, apesar de ser o senso comum um conhecimento passível de mistificação, ele é libertador, quando ampliado pelo diálogo com o saber científico.

Com respeito à interpenetração dos vários conhecimentos, a obra assinala o potencial dessa idéia para as ações pedagógicas, pois essa interação dos conhecimentos do educando (associados ao senso comum) com os conhecimentos escolares (científicos) conduzirá a uma aprendizagem efetiva, porque atribuirá sentido aos conteúdos escolares.

Posteriormente, a discussão da autora vai centrar-se na construção social da democracia e da emancipação – nas possibilidades concretas vinculadas às práticas emancipatórias existentes. Através do desenvolvimento das reflexões sobre o binômio regulação/emancipação, a autora vai demonstrando o pensamento de Boaventura que defende a existência de práticas emancipatórias no seio das estruturas regulatórias, gerando importantes reflexões sobre as diferentes espécies de conhecimento: aqueles que nos levam a pensar de modo emancipatório e os que nos limitam a ações de caráter regulatório.

O sociólogo português propaga um novo entendimento de emancipação que vem a contemplar uma nova relação entre ela própria, a subjetividade e a cidadania. De acordo com este pensador, os mecanismos que levaram aos ideais modernos de emancipação social encontram-se, no momento, fortemente questionados pelo fenômeno da globalização que, nas últimas décadas, tem adquirido tamanha amplitude a ponto de redefinir os contextos, os objetivos e os meios e subjetividades das lutas sociais e políticas. Seu parâmetro é o de que a globalização, embora hegemônica, não é a única e que, de fato, tem sido confrontada por outra forma de globalização designada por ele como contra-hegemônica, instituída pelo conjunto de iniciativas que lutam contra a globalização neoliberal, mobilizadas pelo desejo de um mundo melhor e mais justo.

Muito importante para a educação, dessa maneira, é a postulação de que são as práticas emancipatórias reais (desenvolvidas em situações concretas, por sujeitos reais,

e postas em prática de modo criativo e também concreto) que irão contribuir para a realização da tão esperada emancipação, não mais como algo abstrato, mas algo palpável, uma vez que fundamentada em saberes assim caracterizados.

O modelo de escola dominante entre nós foi fundado nessa ciência moderna que absolutiza o saber formal como a única forma de saber válido (escola essa que espera “transformar e elevar” o aluno da cultura popular à alta cultura). Ela promove, indiscutivelmente, a exclusão, enquanto discrimina os diferentes e, ainda, universaliza certos particularismos, enquanto cria programas, métodos e conteúdos de ensino baseados no “aluno padrão” que ela mesma estipulou.

Portanto, esse modelo tem sido a única fonte de pesquisas que, muitas vezes, mesmo pretendendo ser críticas da escola vigente, acabam por negligenciar tudo o mais que nelas existe (=sociologia das ausências) por estarem presas aos modelos que até pretendem criticar. Desse modo, deixam de conseguir respostas realmente satisfatórias para os reais problemas com os quais a escola se depara:

Assim, o uso metodológico da sociologia das ausências na pesquisa em educação leva à necessidade de mergulhar nos mundos nela existentes tornados invisíveis pelos estudos dos modelos escolares e educativos (OLIVEIRA, 2006, p.97).

Já no último capítulo, Oliveira apresenta-nos a questão da formação das identidades sociais e individuais (a partir das concepções do autor a respeito dos espaços estruturais da sociedade) e a construção das subjetividades individuais e coletivas. Aspectos como a aplicação edificante da ciência e as diferenças entre o conhecimento como regulação e como emancipação são também dissecados pela autora, que executa um largo mapeamento de estruturas centrais da teoria boaventuriana.

No que tange especificamente à educação, basicamente podemos mencionar as discussões sobre a formação das individualidades inconformistas, que objetivam rebelar-se contra o *status quo* educacional por meio de ações transformadoras, considerando que as subjetividades realmente democráticas constituem-se em aspectos determinantes para a real democratização da sociedade. Especifica, ainda, os elementos designados como projeto educativo emancipatório pelo sociólogo, apresentando em seguida as possibilidades do uso desse pensamento para pensar uma educação efetivamente mais emancipatória e que possa responder as questões cotidianas dos educadores, no intuito de ultrapassar a dicotomia entre saber e fazer na organização escolar atual. Emergem, durante essas reflexões, as noções de rede – tanto de rede de conhecimentos como a de conhecimento em rede. Boaventura pressupõe que o conhecimento não se dá apenas no âmbito das práticas educativas escolares de aprendizagem, pois nossas identidades são

formadas a partir das redes tecidas por aquilo que aprendemos e vivenciamos em todas as instâncias sociais: surge, desse modo, o relacionamento entre identidades e processos educativos, baseado na possibilidade que todo ser humano tem de escolher. Para Boaventura, “investir nesse potencial de escolha é tarefa da educação” (p. 15).

Um outro aspecto de relevância tratado por Oliveira no final do terceiro capítulo foi a interligação imediata entre o que poderíamos chamar de as três democratizações: a dos saberes, a das práticas sociais e a das subjetividades, deixando claros alguns pontos que consideramos de importância.

Quanto à democratização dos saberes – não consiste apenas na democratização de acesso a esses saberes sistematizados, mas, também, na democratização das relações entre os diversos saberes, com o intuito de re-valorizar os chamados *saberes não-formais*. Desse processo deriva a democratização das práticas sociais, ligada à idéia de solidariedade e formas de relacionamentos sociais não fundados na hierarquia (e sim amparados na autoridade compartilhada), que, por sua vez, será condição para a democratização das subjetividades: ao longo de nossa vida, através dos processos de aprendizagem social, internalizamos valores e práticas pouco democráticos e, desse modo, nossas subjetividades existem em função desses processos autoritários.

Ou melhor explicitando, tanto incorporamos valores dominantes através das práticas sociais que experimentamos e dos saberes que nos são ensinados no cotidiano como agimos em função das possibilidades que essas aprendizagens nos fornecem à medida que formam nossas subjetividades. Portanto, urge que façamos o rompimento com esses valores pouco democráticos na formação de nossa subjetividade, haja vista a indissociabilidade entre saberes e práticas. É preciso, no que diz respeito à aprendizagem, que se discutam os fundamentos e os valores atribuídos ao saber formal. Portanto, subjetividades mais democráticas fundadas em saberes mais democráticos desenvolvem ações mais democráticas também, enredadas em seu contexto de realidade, suas possibilidades e limites.

Finalmente, com relação ao geral da obra, é necessário mencionar que a autora faz questão de evidenciar que a apropriação que realiza dos pensamentos do sociólogo português é pessoal, chamando a atenção para o fato de que outras leituras são possíveis. Oferece, também, ao término do seu trabalho, uma pequena cronologia sobre Boaventura de Sousa Santos, o que possibilita ao leitor tanto apreender a trajetória desse pensador como inteirar-se de sua bibliografia, enumerando, ainda, um apanhado de sites considerados de interesse para a pesquisa de maiores detalhes sobre o autor.

Dessa maneira, a obra resenhada apresenta-se como uma importante contribuição voltada àqueles interessados em pensar as relações da contemporaneidade com a área educacional sob a ótica de Boaventura de Sousa Santos, bem como a

ressignificação do entendimento de uma escola formadora de cidadanias emancipatórias em seus vários aspectos, como também já o desejava Paulo Freire. O livro recebe uma profunda atenção dentro da perspectiva de reconstrução de conhecimentos e posturas, deixando entrever a importância do conjunto de ações e representações individuais e grupais que dão sentido aos intercâmbios entre os indivíduos e que, na verdade, constroem a emancipação de todos.

Dirigido a pesquisadores, professores, alunos e todos aqueles que tenham como área de atuação profissional e estudo a Educação, o livro em pauta efetua uma ponte entre esta última e as reflexões de Boaventura de Sousa Santos, hoje conhecido como um dos principais, senão o principal intelectual da língua portuguesa na área de ciências sociais. A amplitude e a diversidade de seu trabalho permitiram a Inês Barbosa de Oliveira abordar neste livro os mais significativos aspectos de seus ensinamentos, do ponto de vista das possibilidades de apropriação pelo campo da educação. Olhando para a educação pelo espelho das postulações de Boaventura, a autora apresenta novos olhares e perspectivas sobre um campo complexo que, apesar de ser muito discutido, talvez precise ser mais refletido.